

# SERMÕES

*VOL. 1*

#### Coleção CLÁSSICOS DO CRISTIANISMO

1. *História de uma alma*, Santa Teresinha
2. *Cartas completas*, Santa Catarina de Sena
3. *Obras completas*, Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face
4. *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria*,  
São Luís Maria Grignon de Montfort
5. *Revelações do amor divino*, Juliana De Norwich
6. *Diário*, Santa Gemma Galgani
- 7/1. *Sermões: do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-Feira Santa* (vol. 1),  
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 7/2. *Sermões: do Domingo de Quasímodo ao XI Domingo de Pentecostes* (vol. 2),  
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 7/3. *Sermões: do XII ao XXIII Domingo depois de Pentecostes* (vol. 3),  
São João Maria Vianney, o Cura d'Ars
- 8/1. *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus
- 8/2. *Livro da vida*, Santa Teresa de Jesus
- 8/3. *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus
9. *As orações*, Santa Catarina de Sena
10. *Obras completas*, São Luís Maria Grignon de Montfort
11. *O diálogo*, Santa Catarina de Sena
- 12/1. *Sermões: do Domingo da Septuagésima a Pentecostes* (vol. 1), Santo Antônio de Pádua
- 12/2. *Sermões: Domingos depois de Pentecostes* (vol. 2), Santo Antônio de Pádua
13. *Sobre o culto à Santíssima Virgem na Igreja Católica*, São John Henry Newman
14. *Sermões* (vol. 1), São Bernardo de Claraval



SÃO BERNARDO  
DE CLARAVAL

*Sermões*

*vol. 1*

**Tradução:** Luiz Fernando Dias Pita



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*  
Coordenação de *design*: *Elisa Zuigeber*  
Coordenação de revisão e apresentação: *Tiago José Risi Leme*  
Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*  
Diagramação: *Karine Pereira dos Santos*  
Impressão e acabamento: PAULUS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

---

Bernardo, de Claraval, Santo, 1090 ou 91-1153  
Sermões : vol. 1 / Bernardo de Claraval ; tradução de Luiz Fernando Dias Pita. - São Paulo : Paulus, 2023.  
(Coleção Clássicos do cristianismo)

ISBN 978-85-349-5199-9

Título original: Sermones de Bernardus Claraevalensis

1. Igreja Católica - Sermões 2. Santos cristãos I. Título II. Pita, Luiz Fernando Dias III. Série

23-4699

CDD 252

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Igreja Católica - Sermões



Conheça o catálogo PAULUS acessando:  
[paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja), ou pelo QR Code.  
Telefendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

---

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel. (11) 5087-3700

[paulus.com.br](http://paulus.com.br) · [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-5199-9

# APRESENTAÇÃO

TIAGO JOSÉ RISI LEME

## 1. Aspectos biográficos e contexto histórico

São Bernardo de Claraval nasceu em Fontaines (França), em 1090, numa família numerosa e abastada,<sup>1</sup> sendo o terceiro de sete irmãos. Seu pai era vassalo do duque de Borgonha, Eudes I. Durante a juventude, recebeu uma formação em artes liberais (gramática, retórica e dialética) junto aos cônegos da igreja de Saint-Vorles, em Châtillon-sur-Seine. No início da idade adulta, com um grupo de companheiros, ingressou no mosteiro cisterciense de Cister (Cîteaux, em francês), fundado alguns anos antes por São Roberto de Molesme (em 1098) e que tinha como abade, na época, Santo Estêvão Harding. Em 1115, acompanhado por outros doze companheiros – alguns dos quais eram seus parentes próximos, como um tio, um primo e quatro irmãos –, foi transferido para a diocese de Langres, na região de Champagne, onde se deu a fundação do mosteiro de Claraval (Clairvaux, em francês, num vale de mesmo nome). Com a aprovação do bispo Guillaume de Champeaux, rapidamente a abadia de Clairvaux floresceu, dando origem a outros mosteiros, como aqueles de Trois-Fontaines, Fontenay, Foigny, Autun e Laon.

O historiador e filósofo francês Étienne Gilson, em seu clássico *A teologia mística de São Bernardo*,<sup>2</sup> assim se refere aos

---

<sup>1</sup> Cf. Bento XVI, São Bernardo de Claraval, Audiência geral, Roma, 21 de outubro de 2009. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audien-ces/2009/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20091021.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audien-ces/2009/documents/hf_ben-xvi_aud_20091021.html).

<sup>2</sup> Em tradução nossa, publicada pela Paulus na coleção *Amantes do mistério*, em 2016.

primórdios da Ordem cisterciense, notadamente ao evento histórico da chegada de São Bernardo e seus companheiros a Cister, num contexto que ele também identifica com aquilo que viria a ser chamado de Renascimento do século XII:<sup>3</sup>

Em 1112, o jovem Bernardo, acompanhado por quatro de seus irmãos e por aproximadamente vinte de seus amigos, entrava na abadia de Cîteaux [Cister]. Esses recrutas inesperados entregaram a vida por uma reforma monástica que corria o risco de perecer por inanição. Os fatos são conhecidos, quanto ao essencial, e não precisamos contá-los mais uma vez, mas é importante saber o que esses jovens esperavam de Cister e o que haveriam de encontrar ao ingressar ali. Sem sabê-lo, a própria existência da ascética e da mística cistercienses não poderia ser explicada.<sup>4</sup>

De fato, Bernardo era um homem de vida interior, que buscava, no silêncio da clausura, a possibilidade de entregar-se a uma atividade de intensa e profunda contemplação do mistério de Deus.<sup>5</sup> Contudo, assim como a Santo Agostinho, também este

---

<sup>3</sup>“Esse século, o próprio século de São Bernardo [...], foi, em muitos aspectos, uma era de vida saudável e vigorosa. Época das cruzadas, do nascimento das cidades e dos primeiros Estados burocráticos do Ocidente, viu a arte românica alcançar seu apogeu e surgir a arte gótica; o nascimento das literaturas em língua vulgar; a ressurreição dos clássicos latinos, da poesia latina e do Direito romano; a redescoberta da ciência grega, com o que os árabes lhe acrescentaram, e de grande parte da filosofia grega, e o começo das primeiras universidades europeias. O século XII deixou sua marca no ensino superior, na filosofia escolástica, nos sistemas jurídicos da Europa, na arquitetura e escultura, no drama litúrgico, na poesia de língua latina e de língua vulgar. Tal assunto é demasiado vasto para um único volume ou para um único autor” (C. H. HASKINS, *The Renaissance of the Twelfth Century*, Cambridge: Harvard University Press, 1927, p. VIII-IX. – G. PARÉ, A. BRUNET e P. TREMBLAY, *La Renaissance du XII<sup>e</sup> siècle. Les écoles et l'enseignement*, Paris: J. Vrin, 1933. – M. BLOCH, *Les caractères originaux de l'histoire rurale française*, Paris: Les Belles-Lettres, 1931, p. 17, *apud* Étienne Gilson, *A teologia mística de São Bernardo*, São Paulo: Paulus, 2016, cap. 1).

<sup>4</sup>Étienne Gilson, *op. cit.*, cap. 1.

<sup>5</sup> Cf. Giulio Piacentini, “San Bernardo di Clairvaux, contemplazione e azione”, *Rivista online di ricerca storica, letteratura e arte*, n. 10/2009, p. 1. Disponível em: <http://www.diesse.org/cm-files/2009/10/02/4059.pdf>.

atraído, inicialmente, pela vida ascética, Deus o chamou à ação, fazendo dele um protagonista de primeira grandeza em sua época, nos âmbitos eclesial, teológico, espiritual e político. Foi sobretudo por meio da comunicação epistolar que ele pôde relacionar-se com as principais personalidades de seu tempo, tratando de assuntos dos mais variados, sem, porém, perder de vista aquilo que para ele constitui a essência e o sentido da vida humana: Deus, a quem o homem deve buscar com todas as forças e potencialidades de sua vontade, de seu intelecto e de seu amor.

A biografia de São Bernardo é indissociável da história da Ordem cisterciense, que surgiu como parte de um movimento de renovação e de reforma da vida monástica e que teve origem no final do século XI, constituindo-se como alternativa a outro movimento monástico já estabelecido e consolidado na época, qual seja, aquele liderado pela poderosa e imponente abadia de Cluny,<sup>6</sup> também esta fundada num impulso de renovação e de resgate dos valores genuínos da vida monástica, mas que já se encontrava em decadência moral no século XI. De fato, Cluny havia adotado a *Regra de São Bento* e, no intuito de servir plenamente ao Evangelho e de viver exclusivamente da oração, abandonou o trabalho manual como meio de subsistência, acolhendo doações. Com o tempo, Cluny tornou-se rica e poderosa, prendendo-se a um vínculo que seus fundadores haviam contestado: um poder político e econômico imenso, difícil – para não dizer impossível – de conciliar com a dedicação exclusiva ao Evangelho e à contemplação. A Ordem cisterciense também adotou a *Regra de São Bento*, mas tomou a precaução de fazê-lo *sine glossa* [sem acréscimos], isto é, de modo incondicional, como mais tarde faria São Francisco de

---

<sup>6</sup> Fundada em 910, na Borgonha, por Bernon de Cluny (850-927), com a intenção de purificar a Igreja da corrupção moral e política, relativa, desde o Império de Carlos Magno, aos interesses do Império e da nobreza. Cf. Giulio Piacentini, *op. cit.*, p. 2.

Assis ao adotar o Evangelho como regra de vida para a Ordem dos Frades Menores.<sup>7</sup> A oração e o trabalho [*ora et labora*], dois pilares da *Regra de São Bento*, foram priorizados pelos cistercienses desde a fundação dos primeiros mosteiros, que eles mesmos construíam em regiões inóspitas, lugares que precisavam ser “cultivados” e, por conseguinte, eram oportunos ao trabalho manual.

Em sua *Carta 142*, São Bernardo sintetiza da seguinte maneira o espírito da vida monástica na Ordem cisterciense:

Nossa Ordem é mortificação, humildade, pobreza voluntária, obediência, paz, alegria no Espírito Santo. Nossa Ordem significa estar sob um mestre, um abade, uma regra, uma disciplina [...] Consiste em exercitar o silêncio, praticar o jejum, a vigília, a oração, o trabalho manual e, sobretudo, a caridade. E, ainda, em progredir, cada dia, nessas atividades e perseverar nelas até o último dia.<sup>8</sup>

Trata-se de uma vida inspirada e fundamentada na encarnação de Cristo, que se esvaziou de sua divindade, tornando-se pobre, casto e obediente até a morte, de modo que a obediência do monge ao abade se espelha na obediência de Cristo ao Pai. Para São Bernardo, a vida monástica constitui também uma antecipação da glória celeste e do final dos tempos. No entanto, o monge, enquanto vive neste mundo, se encontra ainda a caminho, na busca incessante desse fim último, que será a Jerusalém celeste, para a qual necessita exercitar-se, como numa corrida. É aqui que lança raízes a teologia mística de São Bernardo, da qual seus *Sermões* são o desdobramento principal. Essa teologia mística

---

<sup>7</sup> *Ibid.*

<sup>8</sup> *Carta 142*,1. Traduzida em italiano em: M. Meschini (org.), *San Bernardo, renovator seculi*, Milano: Jaca Book, 2004, *apud* Piacentini, *op. cit.*, p. 2.

prevê uma leitura atenta e uma assimilação profunda, intelectual e, sobretudo, psicológica da Bíblia. Na teologia monástica, parte-se da Bíblia não apenas para refletir sobre o mistério de Deus, mas, sobretudo, para fazer uma experiência concreta de tal mistério, para saborear (*sapere*) a presença real de Deus Uno e Trino em toda criatura, em toda experiência e, sobretudo, na própria alma: em particular, a alma (a esposa do Cântico dos cânticos) é chamada a conformar-se, o máximo possível, com a ajuda do Espírito Santo, a Cristo (o Esposo).<sup>9</sup>

### *São Bernardo e a sociedade de seu tempo*

Bernardo teve uma atuação importante durante o cisma de 1130-1138, em que o papa Inocêncio II (1130-1143) viu-se confrontado por dois antipapas: Anacleto II (1130-1137) e Vitório IV (1138). Bernardo viajou à Itália para defender Inocêncio II e sua intervenção foi exitosa. De acordo com a tradição hagiográfica, tal êxito se explica por seu carisma, simplicidade e humildade, respaldados por milagres e fatos extraordinários.<sup>10</sup> Do ponto de vista histórico, a influência de Bernardo se deve também ao prestígio alcançado pela Ordem cisterciense junto às autoridades eclesiásticas, pelo fato de ela ter recusado, desde seus primórdios, o privilégio da isenção monástica, do qual gozava, por exemplo, a abadia de Cluny.<sup>11</sup> Tanto é que, pouco tempo depois, um cisterciense discípulo de Bernardo se tornaria papa Eugênio III (1145-1153), para o qual Bernardo escreveu um tratado sobre o

---

<sup>9</sup> Piacentini, *op. cit.*, p. 4-5.

<sup>10</sup> Cf. J. Leclercq, *S. Bernardo. La vita*, Milano: Jaca Book, 1989.

<sup>11</sup> Tal privilégio permitia que a abadia de Cluny estivesse unicamente sob a autoridade do papa, e não do bispo local. Cf. Piacentini, *op. cit.*, p. 2.

primado de Pedro no colégio apostólico e sobre o ministério papal, o *De consideratione*, em que ele apresenta os elementos necessários para se fazer um bom papa.<sup>12</sup>

Em 1140 ou 1141, Bernardo participou do Concílio de Sens, no qual foram condenadas as teses de Pedro Abelardo. De fato, foi sobretudo o método de Pedro Abelardo que Bernardo condenou, considerando-o perigoso ao aplicar as regras da lógica e, principalmente, da dialética ao estudo da teologia e, por conseguinte, ao submeter o mistério da Revelação às categorias e conceitos elaborados pela razão humana, entrando em rota de colisão com a Tradição. Além disso, no mesmo Concílio, as teses de Abelardo foram acusadas de arianismo<sup>13</sup> e modalismo trinitário.<sup>14</sup> Outra heresia com a qual São Bernardo teve de se confrontar foi a dos cátaros, que “menosprezavam a matéria e o corpo humano, desprezando, por conseguinte, o Criador”.<sup>15</sup>

São Bernardo correspondeu-se com Santa Hildegarda de Bingen (1098-1179), mística e visionária alemã que reuniu suas visões e experiências místicas numa trilogia escrita de 1141 a 1174.<sup>16</sup> Hildegarda tinha receio de que sua obra fosse considerada herética e escreveu a Bernardo buscando orientação e direcionamento: “Padre, estou muito preocupada com

<sup>12</sup> Cf. Bento XVI, *op. cit.*

<sup>13</sup> Doutrina de Ário (250-336), padre cristão de Alexandria (Egito), que afirmava ser Cristo a essência intermediária entre a divindade e a humanidade, negava-lhe o caráter divino e ainda desacreditava a Santíssima Trindade. Cf. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

<sup>14</sup> Doutrina gnóstica que negava a existência de três pessoas em Deus, subordinando Jesus Cristo e o Espírito Santo a Deus; pregada por Fócio, bispo de Esmirna, no século IV. Cf. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*.

<sup>15</sup> Bento XVI, *op. cit.*

<sup>16</sup> O *Liber Scivias* (acrônimo da expressão *Sci vias Domini*, “Conhece os caminhos do Senhor”), dedicado à história da salvação; o *Liber vitae meritorum* [*Livro dos méritos da vida*], dedicado à ética, e o *Liber divinorum operum* [*Livro das obras divinas*], dedicado à cosmologia e à antropologia. Cf. Hildegarda de Bingen, *Scivias (Scito Vias Domini): Conhece os caminhos do Senhor*, São Paulo: Paulus, 2015.

essas visões, que se manifestaram misteriosamente a mim e que não vi com olhos exteriores [...] Responde-me em relação ao que te parece, pelo fato de que sou um ser humano privado de qualquer ensinamento relativo às realidades sensíveis, mas que fui instruída em minha alma”.<sup>17</sup> Bernardo, por sua vez, confirmou-a em seu chamado, que ele identificou como sendo de origem divina, e incentivou-a a continuar escrevendo:

Alegremo-nos pela graça de Deus que está em ti [...] e te suplicamos que a reconheças como tal e busques corresponder a ela com a máxima humildade e devoção, consciente do fato de que Deus resiste aos soberbos, mas concede sua graça aos humildes [Tg 4,6; 1Pd 5,5]. De fato, onde há ciência interior e unção, o que podemos ensinar ou aconselhar? Antes, te pedimos e suplicamos que intercedas junto a Deus por nós e, igualmente, por aqueles que estão unidos a nós, em vínculo espiritual no Senhor.<sup>18</sup>

No contexto das cruzadas, Bernardo também posicionou-se em questões de ordem política, intervindo a respeito da legitimidade das Ordens cavaleirescas e das relações com judeus e muçulmanos. A primeira Ordem monástica cavaleiresca foi a Ordem dos templários, fundada em 1119 por um parente de Bernardo, Ugo de Payns, que pediu a ele que apoiasse a nova fundação. Como resposta, Bernardo escreveu, por volta de 1130, um tratado intitulado *De laude novae militiae* [Elogio da nova cavalaria], que versa sobre o ideal de cavaleiro cristão, cujo dever é defender os fracos e jamais utilizar violência injustificada, de modo que a guerra só é legítima no que diz respeito a defender a cristandade, particularmente a Terra Santa e os peregrinos que para lá se

---

<sup>17</sup> Hildegarda de Bingen a Bernardo, *Ep I*, 7-39, *apud* Piacentini, *op. cit.*, p. 8.

<sup>18</sup> Bernardo a Hildegarda de Bingen, *Ep I R*, 8-16, *apud* Piacentini, *op. cit.*, p. 8.

dirigem. Nesse sentido, a morte do inimigo só é justificada em caso de legítima defesa: “Se te ocorrer de vencer e matar por desejo de triunfo ou vingança, viverás como homicida”.<sup>19</sup> Assim, Bernardo defendeu a segunda cruzada (1147-48), que se deu após a conquista de Edessa (atual Turquia) pelos muçulmanos. Em relação aos judeus, Bernardo considerava excessivo o tratamento que eles recebiam em muitos reinos católicos: “Os judeus suportam uma dura servidão sob os príncipes cristãos [...] Por fim, quando for reunida a totalidade das nações, então Israel será plenamente salvo”.<sup>20</sup> O papa Bento XVI, em sua catequese sobre São Bernardo, delineou esse aspecto de sua ação apostólica, aludindo a uma homenagem que São Bernardo recebeu do rabino de Bonn, Efraim, por seu empenho na defesa do povo judeu.

## 2. O pensamento de São Bernardo

São Bernardo é conhecido, do ponto de vista cronológico, como o último dos Padres da Igreja, mas não o último em importância, já que deu um tratamento particular aos textos sagrados e à tradição patrística que o precedeu, desenvolvendo uma teologia mística própria, inédita, inovadora, e tornando-se um divisor de águas na história da mística medieval. Assim, o epíteto que lhe coube, desde a Idade Média, foi *Doctor mellifluus* [Doutor melífluo], isto é, Doutor cujas palavras são doces como o mel, o que remete a sua capacidade de “extrair o mel, que é o sentido espiritual, da cera das letras dos textos bíblicos e patrísticos”.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> Cf. *De laude* 1,2, *apud* Piacentini, *op. cit.*, p. 9.

<sup>20</sup> *Carta* 363,6, *apud* Piacentini, *op. cit.*, p. 10.

<sup>21</sup> Gaetano Raciti, *ocso*, “Le message spirituel de saint Bernard”, *Collectanea Citerciensia* 72, 2010, p. 214.

A teologia mística de São Bernardo, que o filósofo francês Étienne Gilson sintetizou e analisou de modo magistral em sua obra de mesmo nome,<sup>22</sup> bebe nas fontes da filosofia, enquanto discurso racional a ser empregado na reflexão sobre os conteúdos revelados por Deus na Sagrada Escritura e sistematizados pela Igreja em forma de dogmas, mas Bernardo estabelece sua filosofia – e, portanto, sua teologia, que até então era indissociável da filosofia – como o conhecimento de Cristo que passa pela experiência viva e direta, a saber, pela leitura e meditação dos textos sagrados, pela oração, pela elevação da alma e da mente para Deus e, por fim, pelo êxtase.<sup>23</sup> O tratamento que São Bernardo dá aos textos sagrados não consiste numa pura e simples exegese alegórica, muito comum entre os Padres da Igreja, em busca do sentido espiritual por trás das palavras, mas seu “ministério próprio”,<sup>24</sup> seu carisma e sua missão consistem na busca pela experiência e pelo gosto de Deus, que passa necessariamente pela imersão na Sagrada Escritura e, por assim dizer, pela “ruminação dela”.<sup>25</sup> Assim, com ele surge uma novidade na teologia: “um discurso teológico original”, caracterizado pela transição “de uma teologia objetiva dos mistérios da fé a uma teologia subjetiva da vida mística”.<sup>26</sup> Com Bernardo e, mais amplamente, com a escola mística cisterciense, deu-se uma transformação cultural e espiritual decisiva na história ocidental: a transição do escatologismo para o misticismo, “a transfiguração do Apocalipse em Cântico dos cânticos”.<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> Étienne Gilson, *op. cit.*

<sup>23</sup> Cf. Piacentini, *op. cit.*, p. 12.

<sup>24</sup> *Ministerium meum, Sermão sobre o Cântico dos cânticos* 22,2, *apud* Raciti, *op. cit.*, p. 215.

<sup>25</sup> Cf. Js 1,8.

<sup>26</sup> Raciti, *op. cit.*, p. 215-216.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 216.

*Uma mudança de mentalidade e, por assim dizer,  
a consolidação da mística ocidental*

De acordo com dom Gaetano Raciti, membro da Ordem cisterciense, estudioso e tradutor de São Bernardo para a língua francesa, a ideologia escatologista vigorou no Ocidente cristão desde os primórdios do cristianismo até meados do século XII. O escatologismo consistia numa “visão de mundo [que era] fruto de uma leitura do Novo Testamento feita a partir e em função [...] da perspectiva do retorno iminente de Cristo”.<sup>28</sup> Essa visão coincidia com o declínio do Império Romano, resultando numa visão de mundo pessimista e negativa, marcada sobremaneira por uma expectativa permanente e angustiada do fim do mundo iminente, a ser precedido por guerras, epidemias, tragédias, heresias, escassez de alimento... Uma visão como essa dificultava o surgimento de uma doutrina da vida espiritual, praticamente impossibilitando o florescimento de uma mística,<sup>29</sup> na medida em que se incarnava num “humanismo de forte coloração ascética”, que supervalorizava a virgindade e a ostentação na liturgia, e numa “literatura do desejo do céu”.<sup>30</sup>

No século XII, com as transformações da sociedade – do ponto de vista político, cultural e econômico – e, principalmente, com São Bernardo, uma mudança de mentalidade começa a se impor. A partir de uma experiência transformadora que teve numa noite de Natal, quando ainda era adolescente, qual seja, um sonho no qual presenciou o nascimento de Jesus, Bernardo se tornaria o teórico e o místico por excelência da doutrina das três vindas de Cristo, particularmente de sua vinda intermediária. Até então, sabia-se da primeira vinda de

---

<sup>28</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>29</sup> Cf. *Ibid.*, p. 217.

<sup>30</sup> *Ibid.*

Cristo, ao encarnar-se no seio da Virgem Maria, e de sua segunda vinda, a *parousia*, no final dos tempos, quando Ele virá para julgar os vivos e os mortos. Com efeito, a partir daquele sonho de uma noite de Natal, Bernardo teve a intuição de uma vinda de Cristo que se concretiza agora: Jesus se encarna e nasce hoje, em nossa realidade presente, de modo que a experiência de Deus não se restringe nem se limita ao final dos tempos, como também não é um privilégio dos bem-aventurados do céu, para além da existência terrena: “Não, o mistério da Encarnação implica que o encontro com Cristo já é possível no hoje humano, e o cotidiano da história é o lugar possível e adequado da experiência inefável de Deus, à qual todos nós somos convidados desde agora”.<sup>31</sup>

A doutrina da vinda intermediária de Cristo é o fundamento da mística de São Bernardo e justifica, para ele, toda busca e toda experiência de Deus. Essa doutrina é aprofundada, de modo particular, nos *Sermões no Advento do Senhor*. Com efeito, São Bernardo se refere à vinda intermediária de Cristo nos seguintes termos:

Há uma terceira vinda, intermediária entre as duas outras [...] A vinda intermediária é escondida: nessa vinda, só os eleitos o veem, no interior de si mesmos, e sua alma é salva (Gn 32,37). Na primeira, portanto, Ele vem na carne e na fraqueza; na vinda intermediária, Ele vem no Espírito e no poder; na última, Ele vem na glória e na majestade. [...] Essa vinda intermediária é, assim, como um caminho pelo qual se vai da primeira à última. Na primeira, Cristo foi redenção (1Cor 1,30); na última, Ele aparecerá como nossa vida (Cl 3,4); nesta daqui, Ele é nosso repouso e nossa consolação (Hb 4,11; 2Cor 1,5).<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> *Ibid.*

<sup>32</sup> Bernardo de Claraual, *Sermão no Advento do Senhor* 5,1 *apud* Raciti, *op. cit.*, p. 220.